

A CELEBRAÇÃO DA NATUREZA FEMININA EM *O MAMÃO*, DE PAULA TAVARES

THE CELEBRATION OF FEMALE NATURE IN *O MAMÃO* BY PAULA TAVARES

Edimilson Rodrigues¹

Resumo: O presente trabalho traz reflexões sobre a arte literária de Paula Tavares, autora angolana, cujo texto – “O mamão”, bem como sua obra poética, está umedecido das metáforas de fecundação e concepção, associando signos da sementeira aos da sementeira corporal símiles à escrita poética. Uma análise que se estrutura na obra de Bosi *Reflexões sobre a arte* (1991), e, ainda, excertos da poetisa desde: *Amargos como os frutos* – poesia reunida (2011).

Palavras-chave: Poesia angolana; Corpo; Concepção; Paula Tavares.

Abstract: This work reflects on the literary art of Paula Tavares, an Angolan author, whose text “The papaya”, as well as her poetic work, is steeped in metaphors of fertilization and conception, associating signs of sowing with those of bodily sowing, similes to poetic writing. This analysis is structured on the work of Bosi *Reflexões sobre a arte* (1991), and also excerpts from the poet from: *Amargos como os frutos* – reunited poetry (2011).

Keywords: Angolan poetry; Body; Conception; Paula Tavares.

Paula Tavares na fecundação da poesia

Queria ser um poema lindo
Cheirando a terra
Com sabor a cana

(Vera Duarte)

Este trabalho, em diálogo com alguns excertos da obra de Ana Paula Tavares, *Amargos como os frutos* (2011), ancora-se nas ideias de Bosi, em *Reflexões sobre a arte* (1991). Analisaremos o poema “O mamão”, da poetisa angolana, tangenciando que arte é expressão e conhecimento de mundos, pois, nela, “indivíduo e meio participam ativamente com todos os seus elementos constitutivos, a sua história, os seus caracteres genéticos, as suas constantes e os seus fins” (Ricciardi, 1971, p. 105). A autora evoca jogos sinestésicos de objetos e espaços africanos, relacionando-os com os sentimentos da mulher que, no delírio criativo, recria o imaginário na poética que começa por colocar

¹ Doutor em Estudos Literários pela UFF – Universidade Federal Fluminense. Professor de Literaturas Africanas de Língua Oficial Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/LIESAFRO e PPGAFRO. em.rodrigues@ufma.br

elementos associados ao corpo, vagina e útero, fora do habitual (frutas e frutos) para chegar ao sobre-humano e ao desumano colonial e patriarcal. Tudo com uma sensibilidade que ausculta o corpo com uma delicada tessitura símile à concepção.

A coluna vertebral de Ana Paula Tavares se estrutura nas metáforas inusitadas criadas pela poetisa Paula Tavares. Mulher escritora e escritora mulher se entrelaçam na forja do nome artístico, a ponto de não se saber onde acaba o ente real, ademais, onde começa o ser da criação. Dessa fusão entre escrita e vida, voz moderna e grito ancestral, a estética (r)existencial afirma que Ana Paula Tavares:

Nasceu na Huíla, Sul de Angola, em 1952. É historiadora com doutoramento em História e Antropologia. Em Angola publicou *Ritos de passagem* (poesia, UEA, 1985; com edição portuguesa em 2007) e em Cabo Verde, *O sangue da Buganvília* (crônicas, 1998). Em Portugal publicou, de poesia: *O lago da lua* (1999), *Dizes-me coisas amargas como os frutos* (2001, Prêmio Mário António de Poesias 2004, da Fundação Calouste Gulbenkian), *Ex-votos* (2003), *Manual para amantes desesperados* (2007, Prêmio Nacional de Cultura e Arte de Angola) e *Como veias finas na terra* (2010). Publicou ainda *A cabeça de Salomé* (Crônicas, 2004) e *Os olhos do homem que chorava no rio*, em parceria com Manuel Jorge Marmelo (prosa, 2005). Tem também publicados estudos sobre a História de Angola e está presente em diversas antologias em Portugal, Brasil, França, Alemanha, Espanha e Suécia (Tavares, 2011).

Nessa análise, os sentidos de construção, conhecimento e expressão estão associados ao verbo/criação, pois acreditamos que a poesia de Paula é uma forma de arte que celebra a natureza do corpo feminino, cujo poema “O mamão” revela uma síntese do útero com as contradições e as mediações, na dialética do provável e do suposto, pois a metáfora da fruta, o formato, as sementes celebram o encontro do natural e da natureza feminina que alberga, como o fruto, vida. Eis as configurações do literário que traduzem emoção e sensação, sentimento e razão, no interior do verbo-poesia, maleável, albergável, qual vagina e carne da fruta. Assim, arte literária e corpo feminino estão correlacionados no espaço da sensação do fertilizável, no campo do agrário, mas, sobretudo, no literário.

Ambos, corpo e literatura, umedecem a vida como os rios umedecem as plantações. São textos que abrem lacunas nos sentidos da sobrevivência, na raiz, no coração da floresta textual, como quem “abre a boca/ e solta os pássaros/ que lhe povoam a garganta” (Tavares, 2011, p. 79). Declarar com imagens e semear com palavras, decalcar com metáforas e imprimir com a persuasão do pensamento poético possibilitam observar, em Tavares, afinidades, tensões, rebeldias que se congratulam no corpo da poesia, como laços de afetos: “Toda a tua vida/ É um ciclo de espera/ Uma criança às costas/ E uma em cada mão” (Tavares, 2011, p. 241). No excerto seguinte, temos mais um elemento da natureza

que denuncia a mulher como coisa “pronta, útil, semanal” (Tavares, 2011, p. 31), o que revela um caráter de rebeldia de Paula Tavares na argúcia do dizer.

Estamos, portanto, diante de uma escritora feminina que fecunda e é fecundada pelo rigor da palavra como argonauta que conduz o barco-poesia. A obra de Tavares é “sangue que oxigena o corpo da terra, (...) poesia que ativa a circulação da vida, tomada esta em seu sentido natural, cultural, espiritual, em suma, em seu sentido pleno” (Secco, 2011, p. 268).

A literatura de Paula Tavares abre portas, refrigera os vazios da vida, funcionando como ícones que descerram enigmas, imagens e símbolos; ela acondiciona o próximo e o distante, alarga passagens e paisagens. Sociedade e homens estão imantados no signo da palavra que ausculta protesto, paixões, projetos, rebeldias, escarificações, mesmo que nenhuma supere o poder da metáfora que nunca se esgota, nem é superada, menos ainda, conclusiva, mas que, mesmo assim, acompanha-a, edifica-a e a alimenta no vigor da essência como “semente do tempo” (Tavares, 2011, p. 80) poético.

A poesia de Paula Tavares é um alimento existencial, semente e líquido que nos preserva sem retenção de sentidos, aos impulsos da criação e rebeldia num único instrumento – a palavra que desenha critérios e sentimentos, silêncios e voragens de palavras-canto, acondicionada no magma da criação, sob os auspícios da “linguagem (...) a mais recomendável e digna de imitar (que) é a que usam os bons escritores” (Kury in Galeano 1996, p. 76), na procura de “novos caminhos e antigas fontes de beber/ sedes e sorrisos” (Tavares, 2011, p. 217). Isto porque a escrita de Paula Tavares como alimento existencial, “limpa as palavras/ de todas as sílabas mortas” (Tavares, 2011, p. 215), posto que, o texto como celeiro da criação, “acolherá o grão” na busca da “fibra vegetal exacta” (Tavares, 2011, p. 176): o verbo que faz germinar a poesia guardiã das emoções do corpo feminino.

Na absorção empírica da linguagem de Tavares, as imagens captadas do natural, do coloquial, do corpo como testemunha do processo de criação, colorem-se nas ramificações do teórico socio-histórico, alastram-se no feminino-criativo, em levas numerosas e massivas de metáforas, tanto nas obras como no poema, direcionando aos sentidos de brotação e gestação, natureza e sentimento humano. Linguagem que abre os sulcos da vida para adernar sementes alagadas com os líquidos femininos, desde a integração corporal inteira: “A ternura tem som, riso e lágrimas/ muda de estado e dilata-se” (Tavares, 2011, p. 57); como irrigação soberana: “conduziste todas as minhas veias/ para que desaguassem nas tuas” (Tavares, 2011, p. 55). As imagens do líquido que faz

germinar flora e fauna, operando a integração simbólica deste processo de invenção: lavra, palavra, lavoura e semente são escutas da estética-mulher. Tais processos trazem, simultaneamente, uma mudança/reflexão no sentido de criação do texto feminino, denunciando prazer e conceber, plantar e germinar como patrimônios da criação literária de Paula Tavares: “Uma mulher oferece à noite/ o silêncio aberto/ de um grito/ sem som nem gesto/ apenas o silêncio aberto assim ao grito/ solto ao intervalo das lágrimas” (Tavares, 2011, p. 77).

Essas convicções impregnadas de associações e dissociações, próprios do poético, podem ser comparadas quando os signos inusitados, vazio, lágrimas, vácuo, grito, doam evidências da vida feminina e de seu íntimo que nem precisariam da poesia, pois reservam todos os imaginários da criação. Os ritos de iniciação estão marcados através da grafia e escolha das palavras, essas são para a poeta angolana instrumentos, tal qual as sementes, sagrados, que compõem a orquestração cerimonial da poesia que lavra a palavra como o artífice da lavoura lavra a semente.

Transbordante de originalidade sensível e do perceptível, artisticamente elaborado, a autora consolida o semeável que se revela na coexistência de forças imagéticas, na mística que expressa o significado da palavra ao turbilhão de imagens, qual sementes no interior da fruta. Pensada filosoficamente, a poesia de Tavares é corolário e apêndice da arte de viver, criação e ousadia, sensação e prazer, rebeldia e caminhada que perscrutam desejos e emoções: “Atravesso o espelho/ circuncido-me por dentro/ e deixo que este caco/ me sangre docemente” (Tavares, 2011, p. 84).

A poesia, elemento conjuntural da literatura, é sentido realizado, imagens de mundos aportáveis, desejos e sonhos que não se realizam, e que, por isso mesmo, repetem-se em travessias longevas e próximas. A poesia decanta o sujeito como ser do inexplicável, aprimora e forja, na linguagem do corpo e da palavra, novos seres que se encontram, sempre, pelas vielas dos textos, qual útero da (re)criação.

Aqueles textos, ainda que com palavras, no contexto do poético, traduzem o inefável, iluminam os vazios, criam os dogmas da persuasão, protestam contra o absoluto do dizível da palavra, e, por isso, esbulha-a, esmerila-a e a edifica no castelo do subjetivo. O prazer estético, alma da criação de Tavares, é puramente jogo do subjetivo, entre a vocação do dizer diferente e a necessidade do sentir que iguala mulher e poesia, transcendendo os limites da emoção. A lavoura de palavras de Tavares é artefato da inteligência que faz germinar o símbolo do coito entre metáforas e imagens, entre palavras

e jogos de sentidos. Dialogando com Bosi (1991, p. 15), concordamos que “ao artista é dado combinar sensações, imagens, representações”.

Um exemplo dessa combinação de sensações pode ser captado desde o poema “Canto de nascimento”. Na elaboração das imagens, temos a associação, desde o título, do fazer poético como canto que se alastra como a fumaça, o som, a água, pela imensidão da noite que funciona como momento de descanso, mas também de entrega do corpo aos prazeres, às reminiscências: “As velhas desfiam uma lenta memória/ que acende a noite de palavras/ depois aquecem as mãos de semear fogueiras” (Tavares, 2011, p. 77).

No poema em análise, o distante está intimamente relacionado com o que alberga os sentidos sinestésicos da poesia que translada escarificações de outra pátria, de outros seres, de outras mulheres, limites outros. Visto que, como diz Bosi (1991, p. 15), “a natureza, obra de um jogo sobre-humano, transcende os limites da razão”. Claro que o teórico está falando de natureza como processo de criação, e nós, no poema “O mamão”, de Paula Tavares, estamos relacionando-o à criação, mas também à concepção e à resistência, cujas representações dos signos internos da fruta revelam os sujeitos fraturados que, através do liame da palavra são cerzidos à vida.

Corpo de palavra e corpo da mulher estão associadas, como a flor e o fruto, a luz e a escuridão, em memória do prazer; as metáforas espargidas no corpo do papel são sombras, espectros e animas de vida. São símiles da criação e da ousadia do corpo feminino que transcendem o plano da criação. Nos poemas de Tavares, a mulher toma o corpo-palavra como *locus* de suas múltiplas experiências, tendo a representação como fundamento de toda a vivência do ser escritora-mulher que se estrutura no ser mulher-criadora, pois, coloniza “a vida/plantando/ cada um no mar do outro” (Tavares, 2011, p. 61).

Pelo exposto, a poesia de Tavares ganha definitivamente um estatuto socioemocional, pois, ao expressar reflexões sobre a arte, infere sobre a vida feminina. Há, portanto, uma dialética entre o pensar e o agir, a construção e o conhecimento, o pensamento conceitual e a existência do literário como reflexão do feminino enraizado no fenômeno do histórico. O texto literário surge assim: como possibilidade de revelação do social e histórico, associando fala e gesto, lugares e pessoas, paisagens e objetos na semântica dos códigos. Essas imagens são vitais para a compreensão e interpretação da poética elaborada na “condensação de imagens, pelo minimalismo dos versos e poemas, pela intensa elaboração literária da linguagem” (Secco, 2011, p. 262).

Uma literatura que remete, metaforicamente, aos processos criativos, que é tecida nas metáforas, que, como aduz Laura Padilha (2000), elabora o arado-texto na semente da palavra. A hibridação da linguagem, na cadência entre cor e cheiro, gritos e dores, esculpe uma poética absorvida pela sensibilidade da mulher que descortina a sexualidade símile ao espargir sementes, ciclos, esperas, sentimentos e práticas conscientes do corpo: “Meu corpo/ é um tear vertical/ onde deixaste cruzadas/ as cores da tua vida” (Tavares, 2011, p. 124).

A poesia de Paula Tavares revela o sentir feminino que escuta o fazer da linguagem, na contemplação das configurações do dizer em primeiríssima pessoa, o que confirma o processo de reescrever e sentir, como ato de persuasão poética feminina: “Esta mulher é minha fala/ O meu segredo/ Minha língua de poder/ E meus mistérios” (Tavares, 2011, p. 229). Tais reflexões possibilitam afirmar: em Tavares, a morada do corpo é também morada das palavras; ambas fazem germinar sentidos e significados, signos e ícones, imagens e metáforas nos mistérios da poesia que fala de e sobre a mulher albergada no limiar da criação/concepção.

No limiar da imagem – “O mamão”

A análise do texto poético se apresenta complexa, desafiadora e, ao mesmo tempo, reveladora de mundos e sujeitos subterrâneos que vem à tona, beber na fonte da arte como expressão, mas também como representação e manifestação do verbo poesia. A nossa análise é apenas e tão-somente um modo de trazer à luz, o signo da criação poética que se iguala ao signo da fecundação humana, entre o silêncio e a fala de vozes, sensações e sentimentos inquietos (Mata, 2001).

Na imagem do mamão estão impressas as cores da vida, o formato que condiciona certeza do ser mulher: útero; as sementes perscrutam os vazios da linguagem que não é capaz de traduzir a concepção e os segredos do corpo feminino, apenas intuem. As fraturas do mamão, carente de terra e água, de cuidados, de fertilizantes, são duais aos da mulher. As escarificações do corpo, as lacunas do sentir, as palavras como sementes, despertam momentos de fruição e prazer, mas também de dor e atrocidades ao ser que porta a “frágil vagina semeada”, que como o mamão também é frágil e carece de cuidados.

O MAMÃO

Frágil vagina semeada
pronta, útil, semanal
Nela se alargam as sedes

no meio
 cresce
 insondável
 o vazio...
 (Tavares, 2011)

As convenções e as invenções estão postas no poema, mas também as rebeldias, na fertilização dos sentidos, na dialética da reflexão: “pronta, útil, semanal”. O poema como reflexão de um tempo em que o outro olha o corpo feminino como objeto útil, certo ao uso diário, na derrocada da obrigação de algo que está posto a ser usado semanalmente. Temos a criação estética como lugar de reflexão que prima pelo rigor da denúncia sutil e inusitada, porque o eu-poético declara: “Nela se alargam as sedes”. Fonte de vida e vida na fonte, a vagina doa um rito de passagem que é a estética que intui e direciona à superação do prazer, como supressão do sentir que apresenta o corpo feminino como objeto esbulhado.

O poema alberga o signo, como a semente alberga a palavra carnal, qual um *Manual para amantes desesperados* (Tavares, 2006). Imagem e sonhos do íntimo e do externo, no desenho da fruta, estão postos sobre o banquete do verbo, na lavoura do texto que pretexta vida: invólucros de maciez, substância da essência da concepção – úteros imagéticos e reais. As diferentes maneiras de uso da palavra nos variados livros de Tavares não são destoantes do poema em análise. Ambos recortam o íntimo da vida, em cores, odores e sabores. Quando tudo isso falta, o sangue e seus ciclos se misturam aos ciclos da colheita – frutífera e humana. Há, na poética da autora, um contínuo de ideias que se alastram nas páginas dos livros, como as sementes se alastram no corpo da fruta, ou melhor, como o verbo poesia se alastra no útero da vida africana.

Numa relação fraterna, podemos dizer com Chiziane (2017), aqui reside o útero da vida e o umbigo do mundo. Moçambique e Angola estão irmanados no imaginário da flora e fauna poética, “útero da vida” como cova da terra que absorve a semente, e umbigo como laço que religa a terra como lugar de nascimento matricial. Temos duas apóstolas que fertilizam o verbo no rigor do sentido da criação como religião. Acrescentamos, ainda, um excerto doutra mulher forte que entoa a sua voz lírica como emblema da natureza, Conceição Lima, quando nos adverte: “Brotam como atolhos os rios da minha fala” (Lima, 2012, p. 13); podíamos citar outras, autoras e excertos, mas fiquemos com o título sugestivo, dessa celebração da natureza feminina na literatura africana: *O útero da casa*, de Conceição Lima (2004), que, como as obras de Paula, fala dessa conjuração verbal que não dissocia o corpo da mulher dos espaços matriciais.

Nos poemas, temos a visão da arte como expressão de totalidade. Deles aprendemos que “a arte (resulta) de um esforço para transcender o dado empírico e suas mudanças mediante a fixação de modelos” (Bosi, 1991, p. 31). Os modelos nas autoras são *corpuses* do feminino associados ao sentido de terra como matéria: mulheres que fecundam e são fertilizadas, isto porque “no meio/ cresce/ o insondável”: os rios, lagos, umbigos, como falas.

Na arguta sensibilidade dos antepassados, a poesia fertiliza partes do humano, na lavoura da vida: o umbigo é enterrado no corpo da pátria, o verbo é lavrado no corpo da palavra, os corpos das raparigas quando do primeiro sangue, no *Lago da Lua* (Tavares, 1999). É nesse sentido que natureza e vida, bioma e flora, fazem-se presentes na semântica-feminina dos textos de Tavares, transformando metáforas inusitadas em sentidos partilhados: a mulher concebe o fruto, o fruto é a seiva do humano elaborado na lavoura feminina. O rito de concepção e acasalamento, fecundação e germinação, externa os mesmos gritos e desesperos: “Nela se alargam as sedes” – de todas as mulheres. Isto porque o patriarcalismo colonial e machista olha o corpo da mulher como coisa: “vagina semeada/ pronta, útil, semanal” (Tavares, 2011, p. 31).

Essas associações definem, no albor do sentir feminino, emoção e tempo como (re)elaboração do verbo e do rebento. Desta forma, a escrita propõe, por um lado, fertilizar a vida, exalando o prazer e a dor, o doce e o amargo, emoções de um tempo poético emocionalmente estruturado nos dados coerentes da vida, que associam os frutos com significados dos desejos sexuais, da imortalidade, da prosperidade.

Nas imagens do poema nos vem, primeiramente, o desenho, o rascunho da natureza, o desenho do fruto, e, depois, degustamos o saber com o sabor do verbo: fruta e fruto. A primeira ideia remete aos ciclos criativos: o livro *Ritos de Passagem* da autora direciona a três andamentos (Mata, 2011): De cheiro macio ao tacto, navegação circular, cerimónias de passagem. Fiquemos com o primeiro. Dele, retiramos dois elementos que remetem ao ato sinestésico da concepção/criação: tocar e cheirar. Desta forma, envoltos no imaginário da arte como construção, deduzimos que conhecer é exprimir, mas, acima de tudo, exalar saberes que se associam a sabores. A busca interna da autora de *O sangue da buganvília* informa que outras sensações estão associadas aos elementos da natureza como metáforas de vida. Sangue, vermelho, flor. Mais uma vez, o natural e a natureza humana estão decalcados na metáfora que a seduz, conduzindo-a aos labirintos do prazer: vermelho/sangue, semente/fruto, flor/vagina.

Pensando com Ricciardi (1971), definimos que o fato literário não poder ser só um fato de conhecimento, e isto porque a literatura deve ser pensada como fato, isto é, como dialética, que abrange o autor e o público, assim, a obra de Tavares tem uma abrangência entre esses dois entes. Autor e obra estão marcados pelo momento histórico, revelador dos *Ritos de Passagem* (1985), das agruras e das recentes conquistas libertárias africanas daquele período em que a obra foi escrita (1985), prenúncio de novas ideias gestadas na década seguinte, momento revelador de leituras do literário africano inusitado, como neste poema, *A abóbora menina* (Tavares, 2011, p. 19): “Tão gentil de distante, tão macia aos olhos/ vacuda, gordinha,/ de segredos bem escondidos// estende-se à distância/ procura ser terra/ quem sabe possa/ acontecer o milagre: folhinhas verdes/ flor amarela/ ventre redondo// depois é só esperar/ nela desaguam todos os rapazes”. Com Bosi, podemos afirmar que, em Tavares, “a dialética de força e forma é o processo expressivo” (Bosi, 1991, p. 56). Assim, na poesia da autora angolana, percebemos o rito de passagem dos ciclos, as associações e as semelhanças entre o corpo feminino e as verduras. Ambos, alagados da força de expressão e da vitalidade textual, alimentam o conteúdo da poesia sob luas, em vasos de barro, na estética da terra, na cor da seiva da árvore tacula. Destarte, natureza e mulher esperam as mesmas águas, as mesmas seivas, as mesmas fertilidades do natural, as intempéries como caos, e o caos que revela germinação em conúbio com o matricial.

A celebração da natureza feminina, em Ana Paula Tavares, narra a arte de ousar, a arte de inovar na corporeidade dos sentidos. A mulher alimenta o verbo que se alimenta de poesia do feminino. O emblema posto no desenho do texto (imagem: vagina/mamão, *scriptum*: no meio/ cresce/ o insondável), traduzido pela sensibilidade do ilustrador, também poeta, Luandino Vieira, podia ter como explicação, se isso fosse possível, na poesia, o texto da professora Carmen Lucia Tindó Secco:

É uma *poiesis* que opera com o exercício metalinguístico do escrever-reescrever poético e, ao mesmo tempo, com uma ressignificação da oralidade das tradições do sul de Angola. Põe em cena uma voz lírica feminina reveladora dos abusos de poder sofridos tanto pelas mulheres do contexto rural do sudoeste angolano como pelas vivências urbanas (Secco, 2011, p. 261).

A palavra sonda os intervalos da vida, umedece de sentidos o fértil e o absoluto, o divino e o sublime na bandeja da criação. Há, subliminarmente, na poesia “O mamão”, uma lide produzida pelo olhar sensível do feminino que mensura o infável, que dialoga

com o sugestivo tornando-o reflexões do humano: o mamão, unicidade do todo, adeja, na pluralidade de todas as mulheres, a imagem do objeto umbilical e indissolúvel de vida: útero.

Os instrumentos estão aí sondados na poesia “O mamão”. A pá e a palavra, o pó e o pólen, a semente e o sêmen, a cova e o útero, o escuro e a luz, tudo imantado no verbo que remete à ideia bíblica: no princípio era o verbo. E ainda é com Tavares. Quando pensamos nos frutos, na degustação que declara um sabor amargo, e na comparação com o sexual, vem-nos a imagem da criação; assim, a autora, faz da poesia um objeto afrocriativo revelador da escrita como concepção e sobrevivência, e da criação um processo de reconhecimento de si e de outras. Nessa bipartição estética (concepção e criação) declara o corpo como terra e a terra como corpo que, fertilizáveis, doam seiva/alimento, fruto/fruta, ainda que amargas sejam as relações sociais, no magma da sensibilidade feminina.

No título do livro de Tavares, *Amargo como os frutos*, o símbolo das origens, o fruto, é antítese do desejo e do prazer. O significado simbólico do fruto, assim, não designa o prazer do conhecimento unificador, que confere a fertilidade na alquimia do vazio da fruta mamão, mas amargura e dor. No entanto, no poema, o mamão, símile às frutas da sabedoria e do conhecimento, por sua forma esférica, também tangência o desejo, o prazer, a fecundidade. Vale lembrar que o mamão cortado, longitudinalmente, lembra uma barca e, se no meio, separando a parte fixa da fruta e da ponta, temos um cálice. Assim, nas duas imagens, temos o receptáculo e o instrumento do transporte, a travessia e o “vaso que contém a poção da imortalidade” (Chevalier; Gheerbrant, 1999, p. 453), isto porque, como aduzem os teóricos, o fruto é

[s]ímbolo de abundância, que transborda na cornucópia da deusa da fecundidade ou das taças nos banquetes dos deuses. Em razão dos grãos que contém, Guénon comparou o fruto ao ovo do mundo, símbolo das origens. Na literatura, muitos frutos adquiriram significado simbólico (figo, romã, maçã): dos desejos sexuais, do desejo de imortalidade, da prosperidade (Chevalier; Gheerbrant, 1999, p. 453).

Tarefa pungente de erudição e criação, a técnica verbal de Tavares se revela na penumbra do natural que ilumina a consciência do afetivo, o desejo. O natural, a forma viva do sentir, práxis do viver: poesia como rebento e o rebento como poesia estão demarcados no domínio do verbo-poesia. O essencial e o necessário, o vital e o mortífero,

o fecundável e o germinado revelam-se na metáfora da forma do mamão que induz pensar a forma do receptáculo da concepção.

A natureza se verbaliza em imagens que condicionam corpo e poesia num mesmo cálice – o útero. A perícia sintática e poética de Tavares permite auscultar o insondável, revelar o mistério entre a intimidade das entranhas da fruta e a da mulher. O texto nos ajuda a olhar, o símile do sensível, a poesia, e o símile do degustável, a fruta. Diante do espetáculo apreendido, (a escolha das palavras, determinação da sensibilidade feminina, as metáforas inusitadas e a originalidade da criação), Tavares resgata o poema-mulher, à originária percepção do corpo feminino, cujas profundezas decantam: alimento corporal e emocional, fertilizando o contraditório na necessidade profunda da brotação. As sementes do mamão, como o óvulo, estão adernadas no magma do alimento de vida. Na primeira imagem, temos a seiva do fruto como alimento; na segunda, o rebento que germina vida em função do alimento produzido na tecnologia do verbo-acasalamento: líquido amniótico.

Depois da leitura do texto de Paula Tavares, dessa imagem de vida embrionária, em forma de poesia, aduzimos que os corpos femininos, nessas literaturas de mulheres, indicam não só os nossos limites, como seres humano em visualizar o improvável, mensurar e sentir as possibilidades em potência dos corpos que se associam aos sentimentos do dizer poético, mas também das sutilezas do sentir que expõem fraturas do social na derme do literário, denunciando múltiplas escarificações, exteriorizando sensações e inscrições que neles se aderem como violências reais e simbólicas, que o corpo/poema possibilita decantar do mundo-enigma.

Iluminados, pelo texto “O mamão”, no diálogo entre corpo feminino e literatura, afirmamos que há possibilidades de correspondências entre corpo e imagem, corpo e palavras, corpo e escrita, ou seja, muitos temas absorvem e são absorvidos por essa poética, no entanto, como um jogo de contrários, entre essência e aparência, o texto de Tavares se revela eivado de sentidos e conceitos que vão para além do feminino e masculino, gênero e escrita. O corpo como categoria de criação, em Tavares, derruba o insondável, reconstrói enigmas, pois fala da terra e da mulher, ou melhor, do útero como fruta e da fruta como útero. Desse modo, o binarismo entre terra, cova que recebe a semente, e vagina, que recebe o sêmen, irmana-se como metáforas de criação e concepção, na imagem da natureza como celebração do humano, pois os signos se intertextualizam, posto que partilham imagens, essas dialogando com questões como

conurbação e vida, representação e apropriação, dentro e fora, vazio e pleno, sondável e insondável.

O sintagma mamão, no poema de Tavares, funciona como um culto ao agrário, visto que, através das suas sementes, simboliza a abundância. De extrema importância, também designa um signo de comparação que se aproxima à simbólica do reservatório da vida. A importante transferência de imagens de outras frutas, maçãs, figos, romãs, para que o mamão simbolize a importância da sacralização como receptáculo de vida, é outra contribuição significativa da autora angolana. Assim, na iconografia do texto de Tavares, o mamão simboliza vida, fertilidade e dualidade, no vazio que demonstra o “sentido simbólico que os poetas e místicos dão a essa expressão, significa libertar-se do turbilhão de imagens, desejos e emoções” (Chevalier; Gheerbrant, 1999, p. 932), como fez a autora no poema em análise.

Conclusão como rito de passagem

Como o rito de passagem da conclusão, podemos afirmar que concluir um texto é tão difícil quanto começá-lo. Nele ficam os vazios, dilaceram-se as lacunas, induzem outras voragens de olhares; ela afirma ou nega a nossa frágil vocação de especialistas da área. Supomos que, ao analisar o texto da autora angolana, fomos surpreendidos pelo fazer sensível e majestoso do conceber poético feminino. Foram reanimadas nossas leituras sobre o feminino na literatura africana, de mãos dadas com a estilização da autora, a leitura proporcionou novos olhares sobre o texto breve, conciso e inusitado, nas relações entre mamão/útero.

Degustamos o sabor do texto com o saber ancestral que salpica signos, como: sementes e maciez, vagina e cálice; o provável e o improvável: o vazio como espaço da morada primeira e morada como resiliência do vazio. Na análise, as configurações do literário traduziram emoções e sensações, sentimentos e razão, no interior do verbo-poesia, maleável, qual parte íntima da mulher, que se associa à carne da fruta.

No entanto, somos leitores e todo ato de leitura é apropriação da imagem de outros leitores, e, neste caso, da leitora Carmen Lucia Tindó Secco, que nos deu uma de suas muitas pistas linguísticas, quando afirmou, no posfácio da obra de Paula Tavares, que ela é “Senhora de uma poesia belíssima, de grande impacto e valor estético, (...) reconhecida não só em Angola, mas em outros países, possui, elogiada por seus pares-poetas e pela crítica, uma obra que foi e vem sendo objeto de artigos de especialistas da área” (Secco, 2011, p. 261). Portanto, desejamos que esse texto tenha tangenciado um fractal dessa

poesia de grande impacto estético, possibilitando outras reflexões no espelho da arte/análise literária angolana.

Referências

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1984.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática Editora, 1991.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche – uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- GALEANO, Ana Maria. 1996. **Linguamar – criações e confrontos em português**. Rio de Janeiro: Funarte.
- LIMA, Conceição. **A dolorosa raiz do micondó**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- MATA, Inocência. **Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta**. Lisboa: Mar Além, 2001.
- PADILHA, Laura. Paula Tavares e a semente da palavra. In: SEPÚLVEDA, M. do Carmo; SALGADO, M. Teresa. **África & Brasil: Letras em laços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.
- RICCIARDI, Giovanni. **Sociologia da literatura**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó. As veias pulsantes da terra e da poesia. In: TAVARES, Ana Paula. **Amargo como os frutos**. Poesias reunidas. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- TAVARES, Ana Paula. **Ritos de passagem**. Poemas. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.
- TAVARES, Ana Paula. **O lago da lua**. Poemas. Lisboa: Caminho, 1999.
- TAVARES, Ana Paula. **Dizes-me coisas amargas como os frutos**. Poemas. Lisboa: Caminho, 2001.
- TAVARES, Ana Paula. **Manual para amantes desesperados**. Lisboa: Caminho, 2007.
- TAVARES, Ana Paula. **Amargo como os frutos**. Poesias reunidas. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

